

*A Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal
é uma Organização não governamental
que desenvolve a sua actividade no
combate à pobreza e à exclusão social.*

*“Este Guia é uma ferramenta
que pode ser útil a toda a
comunidade educativa.”*



Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal

POBREZA & EXCLUSÃO SOCIAL

UM GUIA PARA
PROFESSORES

Pobreza e Exclusão Social

Um Guia para Professores

Pobreza e Exclusão Social

Um Guia para Professores

REAPN

2009

Ficha Técnica

Título

Pobreza e Exclusão Social: um Guia para Professores.

Edição

Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal

Rua de Costa Cabral, 2368

4200-218 Porto

Tel. 225 420 800 | Fax. 225 403 250

E-mail: geral@reapn.org

Concepção Gráfica

Sereer, Soluções Editoriais

Tiragem

200 exemplares

Data de Edição

2009

Depósito Legal

302061/09

ISBN

978-989-8304-01-8

Apoio

Ministério do Trabalho e da Segurança Social

7	Introdução
9	1. O que pode encontrar neste guia?
10	1.1. O que é a Pobreza?
10	1.2. O que é a Exclusão Social?
11	1.3. O que é a Inclusão Social?
11	1.4. Como se mede a Pobreza?
12	1.5. O retrato da Pobreza em Portugal
15	2. Mitos e estereótipos
15	2.1. Representações sociais sobre a pobreza e a exclusão social
19	3. Instrumentos e recursos para os professores
21	4. Actividades em sala
22	Actividade 1 – Imagens e Percepções: uma imagem vale mais do que mil palavras
23	Actividade 2 – Os Ovos Misteriosos
24	Actividade 3 – Brainstorming sobre Pobreza e Exclusão Social
25	Actividade 4 – Jogo: a Bola
26	Actividade 5 – Questionário sobre representações sociais
27	Actividade 6 – Base Cultural dos Estereótipos: os Media
28	Actividade 7 – O Recrutamento Profissional
30	Actividade 8 – Sessão pública destinada à comunidade escolar
31	Actividade 9 – Uma Fatia do Bolo
38	Actividade 10 – Visitas institucionais
39	Actividade 11 – Visualização de filmes e vídeos
40	Actividade 12 – Jogo da Amizade
43	Actividade 13 – O que pensamos do Assunto
45	5. Glossário
47	6. Referências
49	7. Sites úteis
53	8. Anexos

Introdução

A Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal é uma organização não governamental que desenvolve a sua actividade no combate à pobreza e à exclusão social. Na concretização dos seus objectivos a REAPN conjuga actividades de investigação, formação e informação que lhe permitem desenvolver uma abordagem alargada, integrada e estratégica face às problemáticas do social, quer a nível nacional, quer a nível europeu. Integrada, porque existe uma preocupação de olhar para esta problemática tendo em conta as suas várias dimensões e as suas várias formas de manifestação; estratégica, porque a acção é pensada tendo em conta os diferentes grupos envolvidos, o contexto onde estes se inserem, sendo pensada de modo a ter efeito, não só ao nível do trabalho desenvolvido pelas próprias organizações, mas também ao nível político e de decisão.

A REAPN entende que no combate à Pobreza devem ser mobilizados um conjunto alargado de actores, onde se devem incluir os grupos que vivem em situação mais vulnerável. A este nível é necessário criar as condições necessárias para que a participação se realize em igualdade face à restante sociedade.

Viver numa situação de exclusão social significa estar ausente/distante de todos os princípios inerentes ao exercício da cidadania. Esta requer um conjunto alargado de direitos e deveres. Ora a exclusão significa exactamente o oposto, ou seja, a ausência de um conjunto de direitos, e muitas vezes, um desconhecimento desses direitos e dos deveres.

A actividade da REAPN junto dos públicos mais desfavorecidos vai no sentido de lhes restituir estes princípios, criando igualmente condições para o exercício pleno da cidadania. Ao mesmo tempo, é fundamental criar na sociedade uma cultura de participação e de solidariedade que seja capaz de reconhecer e compreender estes públicos e as suas necessidades. Este trabalho de sensibilização junto da sociedade em geral é fundamental à coesão social.

Muitas vezes é esta falta de conhecimento que impede os actores de participarem e que contribui para o desenvolvimento de estereótipos e preconceitos relativamente aos grupos mais desfavorecidos.

Assim, e porque 2010 será o **Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social** lançamos um desafio a várias Escolas do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico

do país, para participarem como um parceiro estratégico, no desenvolvimento de uma Campanha Informativa e Educativa sobre o tema da Pobreza e Exclusão Social.

Os objectivos da Campanha focalizam-se nos quatro objectivos principais do Ano Europeu de Luta Contra a Pobreza e a Exclusão Social:

1. O **reconhecimento** do direito das pessoas em situação de pobreza e exclusão social a viver com dignidade e a participar plenamente na sociedade;
2. Um aumento do sentimento de **pertença colectiva** relativamente às políticas de inclusão social, salientando a responsabilidade de todos na resolução da pobreza e da marginalização;
3. A existência de uma **sociedade mais coesa** onde não haja dúvidas de que a sociedade, no seu todo, beneficia com a erradicação da pobreza;
4. **Um compromisso de todos os actores**, porque um progresso real requer um esforço a longo prazo que envolva todos os níveis de governação.

O nosso propósito é sensibilizar as crianças e os jovens, assim como os vários actores que com eles contactam ao nível da escola, para o entendimento das questões da pobreza e da exclusão social contribuindo desta forma para o desenvolvimento de uma cultura do social que vise a solidariedade e a cooperação activa para lidar com estas questões e contribuir para a sua erradicação.

Procuramos também desconstruir preconceitos existentes, relativamente a estes fenómenos, ao nível do espaço escolar evitando a sua transmissão para os públicos mais jovens e contribuir para um melhor entendimento dos fenómenos da pobreza e da exclusão social. Procuramos também ajudar a escola a desenvolver estratégias adequadas e adaptadas às próprias situações detectadas no seu interior; e contribuir para a formação de cidadãos mais responsáveis e participativos na construção de uma sociedade mais coesa.

A introdução de temáticas ligadas à cidadania tem de ser analisada a 2 níveis: se por um lado, é um modo de formar cidadãos mais justos e atentos às questões sociais; por outro lado, é uma forma da própria escola olhar para as suas próprias dificuldades internas.

Neste sentido, trabalhar todas estas questões no interior da escola é não só colocar os alunos a reflectir sobre o assunto, mas também todos os outros actores que fazem parte deste espaço: professores, funcionários, pais, e os próprios órgãos decisores.

Todos, de um modo ou de outro, precisam de ser sensibilizados para colmatar situações de insucesso e abandono escolar, discriminação e pobreza. Por isso é que também esta deve ser, a todos os níveis, uma temática transversal às várias disciplinas que são administradas.

1. O que pode encontrar neste guia?

Este Guia é uma ferramenta que pode ser útil a toda a comunidade educativa, contribuindo para uma melhor compreensão dos fenómenos de pobreza e exclusão social.

Especificamente, os objectivos deste Guia são:

1. Sensibilizar as crianças e os jovens para os problemas relacionados com as situações de pobreza e de exclusão social;
2. Desmistificar determinados preconceitos e estereótipos;
3. Fornecer um instrumento/recurso para professores que pretendem abordar o tema nas suas aulas;
4. Ilustrar a importância de ouvir as crianças e os jovens e tomar em consideração as suas perspectivas e opiniões no sentido de contribuir para a formação de cidadãos mais responsáveis e participativos na construção de uma maior coesão social.

O que pode encontrar aqui:

1. Informação sobre os conceitos de pobreza e exclusão social;
2. Orientações, com exemplos práticos, para explorar o tema em sala de aula e aumentar a sua compreensão;

Na utilização deste Guia, os professores devem ter em consideração a idade e as circunstâncias particulares dos seus alunos. Enquanto os alunos com mais idade podem ter acesso por eles próprios aos conteúdos deste Guia, os alunos mais jovens devem ser apoiados no desenvolvimento das actividades em sala e beneficiarão de uma maior sensibilização dos seus professores a respeito deste tema.

1.1. O que é a Pobreza?

A pobreza e a exclusão social constituem um dos maiores desafios do nosso século, na medida em que colidem com o exercício dos direitos fundamentais dos seres humanos. A pobreza e a exclusão social surgem como uma das grandes desilusões da sociedade da abundância e do progresso. A prosperidade económica e o desenvolvimento das sociedades modernas deveriam permitir o bem-estar de toda a população, não deixando de lado determinados grupos sociais. No entanto, tem-se revelado difícil, esta tarefa de erradicar das sociedades contemporâneas o fenómeno da pobreza e exclusão social.

A pobreza é um conceito capaz de gerar alguns equívocos. Isto porque a pobreza constitui uma dimensão ou forma de exclusão social, mas não se pode confundir com ela.

O conceito de **pobreza absoluta** sugere pobreza severa, pobreza extrema, ou seja, um estado mais profundo de pobreza. Este conceito baseia-se na noção de necessidades básicas, estando em causa várias dimensões inerentes à noção de recursos (rendimentos, bens de capital, benefícios em espécie associados ao trabalho, etc). A pobreza absoluta refere-se a uma situação em que certos standards mínimos de vida (tais como a nutrição, educação, saúde ou habitação) não são alcançados; enquanto que o conceito de **pobreza relativa** remete para a análise da pobreza face aos padrões sociais em geral.

O termo pobreza relativa utiliza-se para falar da existência de desigualdades e calcula-se por comparação com o nível de vida considerado standard para a população a que se refere. Significa que o indivíduo, por falta de recursos materiais, não participa dos hábitos e padrões de vida considerados normais na sociedade em que vive.

1.2. O que é a Exclusão Social?

O conceito de exclusão implica estar excluído de algo. Quando falamos de exclusão social significa a exclusão da sociedade, aqui vista como o conjunto de sistemas sociais a que o indivíduo pertence. Assim, o conceito de exclusão social acaba por ser mais amplo do que o conceito de pobreza, na medida em que não se define em termos puramente económicos mas em termos mais amplos de participação na sociedade.

A situação de exclusão faz referência a um processo de perda de integração ou participação na sociedade, num ou vários domínios:

- **o económico** (quer no que se refere aos sistemas geradores de rendimentos quer no que se refere à possibilidade (ou não) de aquisição de bens e serviços indispensáveis ao funcionamento em sociedade);
- **o político-legal** (que se refere às relações que estabelecemos com as instituições básicas, sistema administrativo, protecção social,...);
- **o social-relacional** (ausência de redes de sociabilidade - família, vizinhos, amizade e seu funcionamento).

A situação de inclusão ou exclusão social de um indivíduo define-se, portanto, em termos relativos e por relação à população considerada maioritária.

Uma outra ideia importante a reter é que a exclusão não é estática, é antes um processo dinâmico associado a uma trajectória que conduziu a um processo de marginalização, presenciando-se a acumulação de *handicaps* vários (rupturas familiares, carências habitacionais, isolamento social, etc). A exclusão social engloba também situações de risco. É um fenómeno que afecta cada vez mais indivíduos, nomeadamente indivíduos provenientes de um leque cada vez mais amplo de grupos sociais.

1.3. O que é a Inclusão Social?

É um processo que assegura que todas as pessoas tenham as oportunidades e os recursos necessários para participar plenamente na vida em sociedade. A inclusão está relacionada com a integração, a coesão, a justiça social. É a possibilidade de participação igualitária de todos os seus membros em todas as dimensões social, económica, legal, política, cultural, etc.

Uma sociedade inclusiva disponibilizará e preparará mecanismos para assegurar a garantia dos Direitos Humanos, a dignidade e a cidadania activa de todas as pessoas que a compõem.

1.4. Como se mede a Pobreza?

A escolha de um conceito de pobreza repercute-se na metodologia para a medição da pobreza.

Na falta de indicadores desenvolvidos que reflectam a dimensão multidimensional do fenómeno, a análise da pobreza e exclusão social na União Europeia é baseada em indicadores disponíveis do rendimento. Há um *focus* em indicadores de pobreza relativa, definida em relação ao nível médio de prosperidade num dado país e em determinado tempo.

Na prática, a quase totalidade dos estudos efectuados na União Europeia e um número crescente de estudos realizados para os restantes países recorrem a medidas de pobreza relativa. Em termos práticos, consideraremos um indivíduo como pobre, se num determinado período, o seu nível de rendimento por adulto equivalente for inferior a 60 por cento do rendimento por adulto equivalente mediano no seu país.

A noção absoluta é menos relevante para a União Europeia por duas razões: primeiro, o desafio para a União Europeia é fazer com que toda a população partilhe os benefícios da prosperidade e não atingir níveis de vida básicos, como acontece nos países menos desenvolvidos do mundo. Segundo, o que é reconhecido como níveis de vida mínimos aceitáveis depende largamente do nível geral do desenvolvimento económico e social, o que tende a variar consideravelmente entre os Estados Membros.

1.5. O retrato da Pobreza em Portugal

Os reformados, as crianças e jovens, as mulheres e os imigrantes são os grupos sociais mais vulneráveis a este grave flagelo social, em consequência, respectivamente, das baixas reformas e pensões, da sua integração em agregados familiares de fracos rendimentos, de acentuadas diferenças salariais ou fruto da intensa exploração a que são sujeitos num país estrangeiro.

Ao nível dos idosos e reformados, o baixo valor das prestações sociais tem fortes repercussões nas suas condições de vida e no acesso a bens e serviços.

No caso das crianças e jovens, a pertença a agregados familiares de baixos rendimentos, ou mesmo sem qualquer espécie de rendimento, como mostram os dados relativos à actividade das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens em 2006, determina situações de pobreza e de exclusão social. No caso das mulheres, as causas para situações de pobreza e exclusão social não estão limitadas aos baixos valores das prestações sociais. Incidem também nas diferenças salariais praticadas, pois em 2005¹ as mulheres ganhavam cerca de 77,4% do salário médio dos homens, sendo que a maioria das trabalhadoras recebia o salário mínimo nacional.

No caso dos imigrantes, a elevada precariedade laboral, os baixos salários praticados ou mesmo salários em atraso, para além de elevadas cargas horárias, são também expressões deste grave flagelo social. Situação agravada por estarmos perante

¹ Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 2005

um segmento da população que rumou ao nosso país em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) 18% da população portuguesa encontrava-se em 2007 abaixo do limiar de pobreza, valor que se mantém estável desde 2005. Em 2007 o limiar de pobreza correspondia a 406 euros por mês (4.878 euros anuais).

As mulheres... os idosos e as crianças...

A taxa de risco de pobreza para as mulheres é de 19% e das pessoas com mais de 65 anos é de 22% e a taxa de pobreza infantil é de 23%.

As famílias monoparentais e as famílias numerosas...

Também os agregados familiares com crianças dependentes têm uma taxa de risco de pobreza de 20%, sendo de destacar as famílias monoparentais (com um adulto e pelo menos uma criança) cuja percentagem é de 39% e as famílias numerosas (compostas por dois adultos e 3 ou mais crianças) cuja taxa é de 32%.

Os trabalhadores pobres e os desempregados...

O emprego ou a sua ausência tem um impacto importante ao nível da taxa de risco de pobreza. A taxa de risco de pobreza dos trabalhadores é de 12% e esta taxa aumenta para 25% quando temos em atenção a população sem emprego residente em Portugal.

Os reformados...

Na população reformada a taxa de risco de pobreza é de 20%.

A desigualdade na distribuição do rendimento...

20% da população em Portugal com maior rendimento recebe aproximadamente 6.1 vezes o rendimento dos 20% da população com o rendimento mais baixo.

O nível de rendimento dos agregados familiares...

Segundo o INE² o rendimento líquido médio mensal por agregado familiar era de 1845 euros. Mas este valor varia conforme as regiões do país sendo o Alentejo e o Norte com menores rendimentos. Neste rendimento médio é considerado não só o rendimento monetário mas também o rendimento não monetário (auto-consumo, auto-abastecimento e auto-locação³).

² Inquérito às Despesas das Famílias 2005/2006

³ Auto-avaliação pelos agregados proprietários ou usufrutuários de alojamento gratuito de valor hipotético de renda de casa.



2. Mitos e estereótipos

2.1. Representações sociais sobre a pobreza e a exclusão social

A realidade é complexa, e complexa é também a forma como ela nos influencia e como é, por nós, influenciada. É nesta dicotomia que vamos construindo a nossa própria identidade. Desde o dia em que nascemos que somos desafiados a processar os fluxos de informação da forma mais rápida que pudermos e, sobretudo, da forma mais eficiente possível. Assim vamos construindo e reconstruindo as “nossas” realidades, com base nos valores que nos foram transmitindo, e nas interpretações individuais e colectivas que fomos tecendo.

É precisamente da interpretação da realidade que falamos, quando falamos em **representação social**, que não é mais do que uma construção mental da realidade, que nos ajuda a compreendê-la e a situar-nos no tempo e no espaço, e que fundamenta as nossas atitudes e acções. A nossa vida quotidiana, que se traduz nas nossas acções, gestos, ideias e interpretações, é assim orientada pelas nossas representações sociais, ainda que de forma inconsciente.

As representações que possuímos não condicionam apenas o que pensamos, mas fundamentalmente o que fazemos, neste caso específico, ao nível da nossa acção na luta contra a pobreza e a exclusão social.

O que nos propomos aqui abordar é o universo de possibilidades que existe para incutir, ou tornar “interior” os valores humanos fundamentais, desde tenra idade, no maior número possível de cidadãos. A escola, enquanto agente socializador de relevo, tal como a família, os media e outras instituições sociais, representa um poderoso recurso de (re) construção das identidades e das próprias representações sociais que as nossas crianças e jovens possuem sobre a pobreza e a exclusão social. Cabe a todos os educadores (no contexto escolar, familiar, religioso, etc.) participar na (re)construção dos referidos “mapas mentais” das crianças e jovens, participar, no fundo, na construção de ideias e referenciais que contribuam para o desenvolvimento de valores tais como: o respeito pela diferença, a tolerância religiosa,

a não discriminação pela aparência, raça, género ou nacionalidade, a partilha e a solidariedade.

De forma mais ou menos consciente, de uma forma automática ou mais controlada, a verdade é que a maior parte dos nossos comportamentos correspondem às nossas representações. Na infância, a rigidez das estruturas mentais socialmente construídas, não é ainda suficientemente forte para impedir mudanças, tudo está ainda em construção, tudo é ainda relativamente recente, as raízes do pensamento ainda se estão a fortalecer.

Todas as representações sociais dizem respeito a valores e percepções defendidas por determinados grupos, em determinados contextos. Quando falamos de percepções socialmente partilhadas por pessoas pertencentes a grupos diferentes, e que adquirem um carácter demasiado rígido e um alto nível de generalização, estamos já a falar de algo que, embora se relacione com as representações, se distingue delas, e que é o estereótipo – que possuindo uma componente afectiva muito forte suportam, muitas vezes, atitudes de discriminação social.

É portanto ao nível dos estereótipos e mitos sobre a pobreza e a exclusão social, e sobre o que significa ser pobre ou excluído, que nos devemos preocupar. Porque, de facto, os estereótipos possuem já um carácter demasiado rígido, são extraordinariamente resistentes à mudança, mesmo quando a informação, a ciência e outras fontes os contradizem, chegando mesmo alguns actores a considerá-los irracionais.

Enquanto que as representações sociais em geral cumprem algumas funções fundamentais para a organização das sociedades e para a comunicação e relação entre os indivíduos, os **estereótipos**, sendo uma modalidade de representação social, e quando veiculam uma atitude desfavorável, constituem uma ameaça para a vida em sociedade, na medida em que remetem sempre para traços de personalidade e atributos pessoais dos elementos do grupo estereotipado que são sempre encarados como intrínsecos e internos aos indivíduos e não como resultado de determinados contextos e situações exteriores a eles.

Conseguimos facilmente identificar como um risco os estereótipos que sustentam as explicações para as causas da pobreza e exclusão social com base, predominantemente, nas características pessoais de quem vive nessas situações, pois todos já sabemos que a pobreza assume um carácter multidimensional. Devemos esforçar-nos pela desconstrução de ideias preconcebidas que fazem das pessoas que vivem situações de pobreza vítimas não só dessas situações mas da própria forma como são entendidas pela sociedade em geral. Não podemos esquecer que os estereótipos se traduzem na linguagem que utilizamos, na forma como (re) agimos, nas relações que estabelecemos, na forma como nos comportamos e nos muros que assim vamos construindo à nossa volta.

É com base no reconhecimento de que os esquemas mentais do ser humano condicionam o seu próprio destino, que propomos uma intervenção nas escolas, ao

nível das representações sociais da pobreza e exclusão social, uma intervenção “não para os alunos”, mas sim “com os alunos” e, sempre que possível, com todos os actores da comunidade escolar, famílias, parceiros sociais e todo o meio envolvente.

Os primeiros passos que podemos dar a este nível podem passar por diagnosticar as representações existentes nas crianças e jovens sobre este flagelo da nossa sociedade; reflectir sobre o tema, reforçar/valorizar as representações positivas, desconstruir o que for menos positivo, com o objectivo de promover acções coerentes com os princípios que temos de defender enquanto seres humanos responsáveis pela construção de um mundo mais justo. No fundo, pretendemos com este projecto, desenvolver a tarefa sempre inacabada de sensibilizar para a importância do envolvimento de “todos” na luta por um mundo livre de discriminação e pobreza, partindo dos cidadãos mais jovens que são os construtores do futuro e que têm nas mãos a grande missão de construírem pontes em vez de muros.

Alguns exemplos de estereótipos mais comuns:

Os pobres não querem trabalhar ...

São pobres porque são preguiçosos ...

Preferem receber o Rendimento Mínimo sem fazer nada

Gostam de andar na rua e no café sem fazer nada ...

3. Instrumentos e recursos para os professores

As actividades que em seguida se apresentam devem ser entendidas como guiões ou pontos de partida para trabalhar a temática da pobreza e exclusão social e suas representações, sendo da responsabilidade de cada docente a sua adaptação às características da turma alvo de sensibilização e intervenção. Para cada actividade que apresentamos, é sugerida a faixa etária recomendada, bem como os objectivos, materiais necessários à sua execução, actividades e algumas sugestões e/ou indicações úteis. As actividades que impliquem um projecto de turma (ex: actividade 8) devem ser ajustadas aos interesses de cada grupo de alunos. Todos os materiais de apoio propostos nas actividades estão, regra geral, disponíveis nas escolas, o que é facilitador de futuras adaptações a novos e diferentes contextos escolares.

A avaliação da eficácia das actividades deverá ficar a cargo do docente. Sugere-se, no entanto, uma avaliação do tipo qualitativo através do questionamento das crenças e representações dos alunos antes e após a realização das actividades. Esta avaliação deverá também incidir sobre os objectivos específicos de cada actividade.

4. Actividades em sala

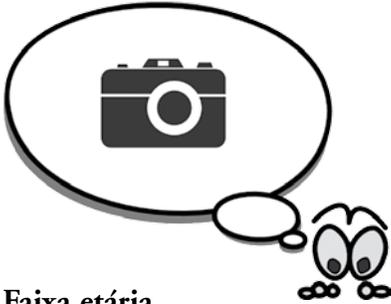
É importante criar uma atmosfera positiva na qual os alunos possam falar abertamente sobre o que pensam e sentem, sem recearem possíveis consequências. É importante que se sintam encorajados a partilhar as suas ideias e opiniões e que sintam que aquilo que dizem é valorizado. Uma escuta activa e atenta permite-nos perceber melhor aquilo que realmente querem saber, assim como aquilo que realmente já sabem ou compreendem.

No desenvolvimento de trabalhos de grupos, exercícios ou debates em sala, é fundamental estar sensível às diferenças individuais de cada aluno. Sugere-se, desde logo, a definição de um conjunto de orientações para as actividades em sala:

- Estabelecer regras claras, percebidas por todos, nomeadamente, o direito à privacidade e respeito de cada um;
- A utilização de uma linguagem clara que evite mal-entendidos ou assumpções sobre a vida e a experiência das crianças/jovens e da sua família;
- A utilização de discussões despersonalizadas, role playing, histórias, desenhos, poemas e trabalho escrito.
- Explorar os assuntos em diferentes perspectivas e sobretudo evitar que os alunos se sintam culpados pelas suas opiniões;
- Ter consciência da nossa posição pessoal e da forma como ela se enquadra nos valores defendidos neste Guia; pensar no papel e responsabilidade profissional do professor na forma como pode promover e usar mensagens que foram referenciadas neste guia, no desenvolvimento do seu programa curricular.
- Não pretender ter todas as respostas.

Actividade 1

Imagens e Percepções: uma imagem vale mais do que mil palavras



Faixa etária

A partir dos 7 anos

Objectivos

- Estimular a discussão e a reflexão crítica que ajudará os alunos a compreender a natureza de um preconceito/estereótipo e a forma de o combater.
- Fomentar o diálogo e o debate em grupo.

Recursos necessários

- Revistas, jornais, livros.
- Papel, cola, tesoura.

Actividade

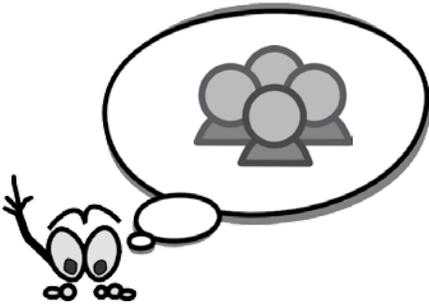
- A criança deve recortar algumas imagens que considerem bonitas e agradáveis e outras que considerem feias e desagradáveis;
- Para cada imagem, a criança deve identificar um aspecto positivo e outro negativo;
- Promover a discussão em grupo em torno das imagens e dos aspectos mencionados;
- Analisar o impacto que os diferentes aspectos têm nas nossas percepções de pobreza e exclusão;
- Se encontrados alguns estereótipos, encorajar a reflexão conjunta para desconstruí-los dando exemplos concretos e referindo aspectos alternativos.

Sugestões (variações da actividade)

- a) Construção de um painel colectivo dos trabalhos realizados;
- b) Visionamento dos desenhos animados *Ruca* e *Dora, a Exploradora*: e se eles fossem pobres? Como seria o seu dia-a-dia?

Actividade 2

Os Ovos Misteriosos



Faixa etária

A partir dos 7 anos

Objectivos

- Promover valores de respeito pela diferença;
- Promover situações de exploração da diversidade;
- Promover sentimentos de empatia.

Recursos necessários

- Livro “Os Ovos Misteriosos” de Luísa Ducla Soares e Manuela Bacelas, Edições Afrontamento.

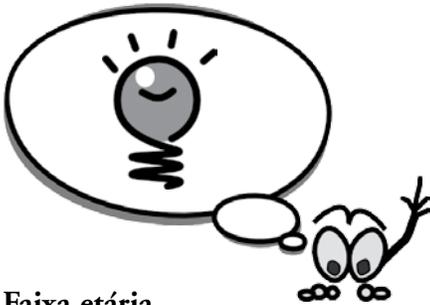
Actividade

- Leitura do conto “Os Ovos Misteriosos”.
- Analisar e discutir o conto com as crianças focando sentimentos, características e tarefas desempenhadas pelos diferentes animais. Questionar sobre as dificuldades e vantagens de uma família composta por animais com características diferentes. Transpor a mensagem do conto para a realidade, explorando o modo como as diferenças culturais estão relacionadas com diferentes formas de vida.
- Discutir em conjunto o seguinte excerto do conto:
 - *“Olhem a minha ninhada! – mostrava ela às galinhas do mato. – É tão variada, é tão engraçada.*
 - *Trata só do teu pinto. Não lrigues aos outros bichos – aconselhava a perdiz.*
 - *Mas como podia ela abandoná-los depois de os ter chocado com tanto amor? Que outra mãe havia de tratar deles?”*
- Elaboração de desenhos referentes ao conto;
- Dramatização deste conto pelas crianças:

- a) Visita à biblioteca. Explorar diferentes culturas e estabelecer relações com os diferentes *habitats* dos animais e das pessoas;
- b) Reconto da história pelas crianças: reflexão sobre sentimentos associados (entreatajuda, amizade);
- c) Construção das máscaras dos animais pelas crianças;
- d) Elaboração de uma banda sonora para a dramatização.

Actividade 3

Brainstorming sobre Pobreza e Exclusão Social



Faixa etária

A partir dos 10 anos

Objectivos

- Auscultar a opinião dos alunos sobre os temas da Pobreza e da Exclusão Social;
- Diferenciar Pobreza e Exclusão Social.

Recursos necessários

Papel e lápis.

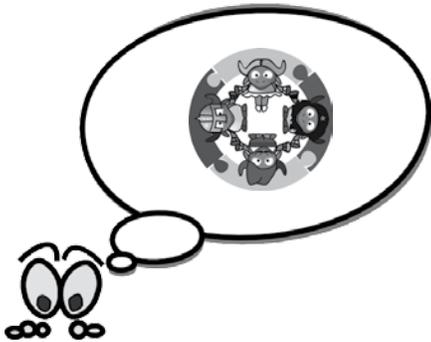
Actividade

1. Solicitar aos alunos para registarem individualmente conceitos e/ou frases associadas ao tema da Pobreza e da Exclusão Social;
2. Apresentação das frases à turma;
3. Divisão da turma em dois grupos:
 - um deverá apresentar argumentos/dados que sustentem a existência de situações de pobreza na nossa sociedade;
 - o outro grupo deverá exemplificar situações de exclusão social;
4. Elaboração de um texto resumo das opiniões manifestadas;
5. Sintetizar e consolidar, em grupo, os conceitos de Pobreza e Exclusão Social de acordo com as seguintes características:

- a) É inalterável (não muda com o tempo);
- b) É dinâmico (muda com o tempo);
- c) É construído pelas pessoas;
- d) É específico (varia de sociedade para sociedade de acordo com a cultura).

Sugestão

Pode optar por fazer a leitura e posterior comentário de um texto teórico em substituição do ponto 3.



Actividade 4

Jogo: a Bola

Faixa etária

A partir dos 10 anos

Objectivos

- Consciencializar para as crenças e percepções individuais acerca de mitos e estereótipos sobre a pobreza e exclusão social;
- Mostrar como essas percepções moldam as nossas definições do que é ser pobre e excluído.

Recursos Necessários

Uma bola, quadro e giz.

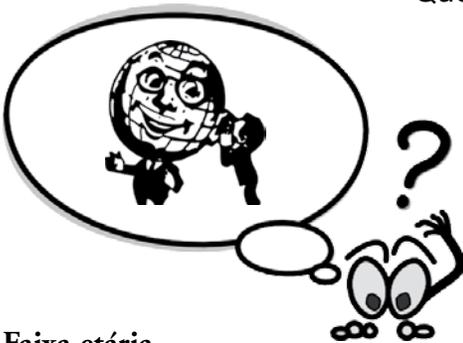
Actividade

1. Pedir aos alunos para se colocarem em círculo. Uma pessoa coloca-se no centro com a bola. O jogador do centro começa o jogo dizendo em voz alta “Ser pobre/excluído é...” lançando ao mesmo tempo a bola para um dos elementos do círculo;
2. A pessoa que apanha a bola deve dizer imediatamente uma palavra que defina pobre/excluído. É importante que responda espontaneamente, sem reflectir sobre a questão. A bola é de novo atirada ao centro e o elemento que respondeu sai do círculo;

3. O jogador que está no centro atira novamente a bola à sorte dizendo “Ser pobre/excluído é...”;
4. Um voluntário deverá ir registrando as respostas no quadro em duas colunas: pobre/excluído;
5. Reflectir sobre as respostas dadas;
Questões: Estas afirmações descrevem a imagem e características que toda a gente tem sobre o que é ser pobre/excluído? Será que todos os pobres/excluídos têm as mesmas características?
6. Identificar e definir estereótipos;
7. Reflectir sobre como os estereótipos podem moldar as nossas percepções mesmo quando tendemos a não pensar sobre eles. Reflectir sobre o seu poder como meio de moldar e configurar as nossas opiniões e acções acerca do que é ser pobre/excluído.

Actividade 5

Questionário sobre representações sociais



Faixa etária

A partir dos 12 anos

Objectivos

- Diagnosticar as representações sociais que existem sobre a pobreza e exclusão social;
- Identificar grupos sociais mais vulneráveis;
- Reflectir sobre as consequências das representações sociais.

Recursos necessários

- Computadores e exemplares do questionário.

Actividade

1. Solicitar aos alunos o desenvolvimento de um pequeno estudo sobre algumas representações sociais;

2. Entregar o questionário (anexo 1) para ser preenchido pelo próprio aluno, seus familiares e restante comunidade escolar;
3. Recolhidos os questionários, os alunos deverão construir uma base de dados em Excel para inserir as respostas, utilizando os procedimentos adequados;
4. Fazer uma análise estatística dos dados recorrendo também à execução de gráficos ilustrativos;
5. Identificar as representações positivas e negativas sobre a pobreza e exclusão e reflectir sobre as consequências das mesmas na sociedade;
6. Elaborar as principais conclusões do estudo;
7. Organizar cartazes de divulgação dos dados para publicação junto da comunidade escolar.

Sugestão

Subdividir a turma em 2 grupos: um grupo analisa os resultados provenientes dos questionários respondidos pelas famílias dos alunos e o outro grupo analisa os restantes questionários da comunidade escolar. Na apresentação de resultados questionar se há diferenças significativas entre os resultados de cada um dos grupos.

Indicações úteis

O questionário é anónimo.

Os alunos preenchem o questionário em sala de aula e devem garantir a entrega atempada do mesmo aos restantes voluntários no estudo.

Actividade 6

Base Cultural dos Estereótipos: os Media



Faixa etária

A partir dos 10 anos

Objectivos

- Compreender a influência dos *media* nas representações sociais sobre pobreza e exclusão social;

- Analisar como alguns suportes informativos criam, mantêm e reforçam alguns estereótipos.

Recursos necessários

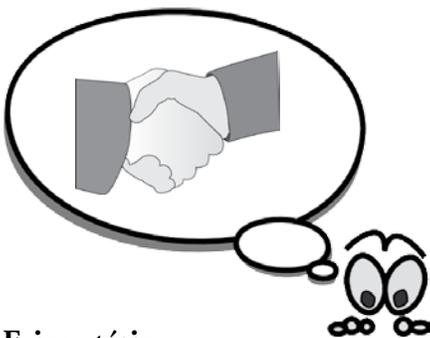
- Jornais, revistas, fita-cola e tesouras.

Actividade

1. Pedir aos alunos para trazerem para a aula jornais, revistas, catálogos...;
2. Pedir aos alunos para preencherem uma grelha de análise (anexo 2) com base em notícias/reportagens televisivas;
3. Organizar grupos e pedir aos alunos para recortarem notícias que remetam para situações de pobreza e de exclusão social;
4. Seleccionar 2 recortes e/ou grelhas de análise e colá-los na parede;
5. Reflectir em conjunto sobre as seguintes questões:
 - As notícias fazem alusão a que aspectos das pessoas?
 - De que forma são descritas as situações de pobreza e exclusão?
 - Que sentimentos/pensamentos são veiculados por essas notícias?
 - As pessoas de quem se fala nos anúncios são representativas de todos os pobres/excluídos?
6. Tentar reescrever algumas notícias.

Actividade 7

O Recrutamento Profissional



Faixa etária

A partir dos 12 anos

Objectivos

- Compreender como actuam as representações sociais e os estereótipos enquanto mecanismos promotores da desigualdade no campo profissional;

- Reflectir sobre as causas que estão na origem de situações de pobreza e exclusão social;
- Exercitar a reflexão crítica dos alunos (através da dramatização, conforme é sugerido).

Recursos Necessários

- Quadro da sala, enunciado do exercício.

Actividade

1. Distribuição de exemplares do enunciado aos alunos e colocá-los na situação de quem tem de recrutar duas pessoas para ocupar os locais indicados (anexo 3).
2. Questionar os alunos quanto às qualidades que valorizam nos candidatos. Em seguida, os alunos devem efectuar a selecção dos candidatos para os referidos lugares.
3. Pedir a cada aluno que justifique a sua escolha, levando-o a questionar-se sobre o peso de algumas representações sociais na sua decisão.
4. Concluir com um debate sobre as escolhas feitas, explorando os possíveis estereótipos que tenham surgido durante o processo e orientando para a reflexão sobre os conceitos de pobreza e exclusão social.

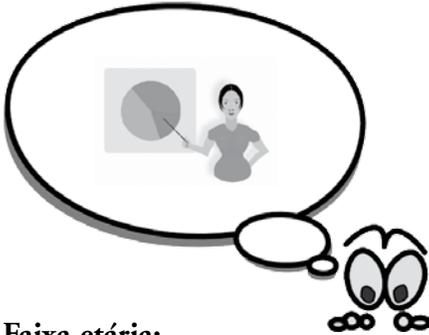
Sugestão

Dividir a turma em grupos de 6 e distribuir os seguintes papéis: 5 candidatos e 1 entrevistador. Se sobraem alunos, estes terão o papel de observadores e deverão registar os aspectos mais relevantes da entrevista.

Fazer a simulação da entrevista de recrutamento. Cada candidato deve argumentar porque deve ser o escolhido e no final o entrevistador deve escolher dois e justificar a sua decisão.

Actividade 8

Sessão pública destinada à comunidade escolar



Faixa etária:

A partir dos 12 anos

Objectivos

- Dar a conhecer à comunidade escolar alguns dados actuais sobre pobreza e exclusão social em Portugal;
- Clarificar e distinguir os conceitos de pobreza e exclusão social;
- Consciencializar para as representações sociais acerca destes temas e suas conseqüências;
- Promover a construção de representações positivas sobre direitos e cidadania.

Recursos Necessários

- Material informático necessário para a projecção de um PowerPoint.

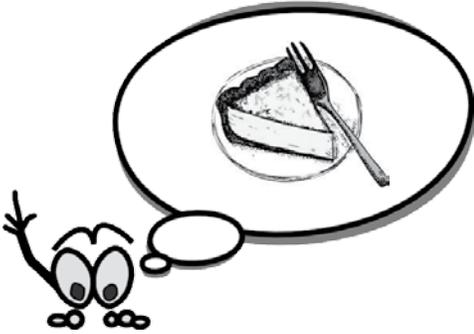
Actividade

1. Preparar uma apresentação em PowerPoint sobre o tema da pobreza e exclusão social em Portugal:
 - a) Reunir informação e dados estatísticos actualizados que suportem a apresentação;
 - b) Estruturar a apresentação a partir dos seguintes indicadores:
 1. Definição dos conceitos de Pobreza e Exclusão Social;
 2. Causas/factores geradores de pobreza e exclusão social;
 3. Grupos sociais vulneráveis;
 4. As representações sociais: mitos e estereótipos;
 5. A luta contra a pobreza e exclusão social;
 - c) Ilustrar a informação com estatísticas nacionais e divulgar os dados do questionário aplicado à comunidade escolar na actividade 5.
 - d) Fazer uso de imagens ilustrativas;

- e) Promover um debate final sobre o tema, para o qual poderão ser convidadas algumas entidades locais que trabalham na luta contra a pobreza e exclusão social.

Actividade 9

Uma Fatia do Bolo



Nota prévia: Este é sobretudo um jogo emocional.

A exactidão matemática ou económica não é relevante para o efeito pretendido.

Faixa etária

A partir dos 15 anos

Objectivos

- Tomar consciência das assimetrias existentes nas sociedades contemporâneas. Não responsabilizar apenas os agentes políticos e económicos, mas assumir também a responsabilidade individual, não só pela consequência dos actos de cada um, mas também pelas opções e alternativas que podem contribuir para solucionar esta situação;
- Contactar, na primeira pessoa, com a actual repartição da riqueza e do poder de decisão decorrente da posse da riqueza. As assimetrias deixam de estar distantes para passarem a pertencer a mim, enquanto sujeito da acção.

Recursos Necessários

5 cartazes que representam Cinco Grupos de Rendimento, marcadores coloridos, 1 bolo (o peso do bolo depende do nº de participantes), 1 faca e uma sala espaçosa com as mesas dispostas em U.

5 Grupos de Rendimento

- A: até 500/ MÊS (20% da população=50000)
- B: 500-700/ MÊS (20% da população=50000)
- C: 700-900/ MÊS (30% da população=75000)
- D: 900-1000/ MÊS (20% da população=50000)
- E: + de 1000/ MÊS (10% da população=25000)

Actividade

1. Distribuir os cartazes pelos grupos de rendimento (pelas mesas da sala, em U). Explicar ao grupo que, de uma forma simbólica, se vai mostrar como estão repartidas a população e a riqueza a nível local.

Salientar que durante esta actividade teremos apenas duas variáveis em jogo: **população e riqueza**.

- 1.1. Numa primeira fase explica-se que cada participante representa X habitantes (ver Tabela) e que a sala representa o distrito.
- 1.2. O docente deve apresentar os dados e os participantes devem agora ser distribuídos **aleatoriamente** pelos vários grupos de rendimento de acordo com os valores indicados na Tabela. O docente deve acelerar o posicionamento dos participantes e não dar espaço para muito diálogo, para que a reflexão surja apenas no final e em função do impacto sentido.
- 1.3. Logo de seguida, o professor deve apresentar os dados correspondentes a cada grupo de rendimento. A riqueza do distrito é simbolicamente materializada num BOLO colocado no centro da sala, e que corresponderá a x milhões de euros (ver Tabela). O educador faz a distribuição do BOLO pelos grupos de rendimento. Os participantes dividem assim a riqueza do distrito por cada grupo de rendimento.

Nesta fase os participantes não devem ainda comer a sua fatia do bolo. Apenas no final os participantes poderão comer a respectiva fatia de bolo.

Nota importante: deve ser perguntado aos participantes se consideram justa a distribuição das fatias depois de se proceder à divisão do BOLO. (ver fig. 1)

- 1.4. É pedido a cada grupo que escolha um porta-voz e prepare um discurso, para ser apresentado na CIM (Comunidade Inter Municipal), com o objectivo de discutir o que fazer com o bolo que sobrou. Neste momento pode ser proposta uma eleição de um administrador para as sobras do BOLO (simbolizando o Governo). O porta-voz de cada grupo deve tentar convencer o administrador eleito da sua necessidade em ficar com uma parte (ou a totalidade) do BOLO restante.

Nota: O educador deve referir que o tempo será atribuído consoante o poder político e económico de cada grupo de rendimento (ver Tabela 1).

- 1.5. O “tempo de antena” para cada grupo calcula-se dividindo o indicador da riqueza pelo indicador da população, respectivo a cada grupo. É importante que, durante os discursos, o educador não permita diálogo ou interrupções entre os participantes. Se algum representante não tiver nada para dizer o grupo deve ficar em silêncio, até que termine o seu tempo.

2. Plenário (30 min.)

Objectivo: A ideia é que partindo do jogo e da reflexão se chegue à conclusão de que mesmo dentro do próprio grupo de rendimento poderá haver diferenciação e desigualdade.

Discussão do jogo: depois do Jogo é importante que o grupo se coloque em círculo para em conjunto reflectir sobre as questões abordadas.

Como linhas de orientação para conduzir a discussão, sugerimos as seguintes questões:

2.1. O que sentiram?

Nota ao professor(a): a tendência dos participantes é muitas vezes saltar do “sentir” para as conclusões ou para achar que a dinâmica é muito simplista. Insistir na ideia do “Como se sentiram?”, antes mesmo de passar para outro nível de conclusões. Se for complicado para os participantes analisarem a este nível o educador deve ajudar com perguntas do tipo “Como se sentiram? Como se sente quem não teve direito a nenhuma fatia de BOLO?”.

2.2. “Alguém se sentiu desconfortável no seu grupo? Como foi que se sentiram em relação aos outros grupos? Tiveram vontade de mudar de grupo?”

2.3. Reflexão sobre os discursos dos representantes de cada grupo. As soluções apresentadas referiam-se aos problemas globais (do distrito) ou cada grupo falou de si?

2.4. Será que as soluções propostas “serviriam” todos os grupos? E mesmo dentro de cada grupo, será que não existem divisões?

5 Grupos de Rendimento

- A: até 500/ MÊS (20% da população=50000)
- B: 500-600/ MÊS (20% da população=50000)
- C: 600-700/ MÊS (30% da população=75000)
- D: 700-800/ MÊS (20% da população=50000)
- E: + de 900/ MÊS (10% da população=25000)

Tabela 1: Distribuição dos Participantes segundo os grupos de rendimento do distrito

Nº participantes	A (PESP)	B REND. BAIXO	C REND. MÉDIO BAIXO	D REND. MÉDIO	E REND. MÉDIO/ ALTO	Cada participante representa (milhares habitantes)
12	2	2	5	2	1	20,83
13	2	2	6	2	1	19,23
14	2	2	7	2	1	17,85
15	2	2	8	2	1	16,66
16	2	2	9	2	1	15,62
17	2	2	10	2	1	14,70
18	2	2	11	2	1	13,88
19	2	2	12	2	1	13,15
20	3	2	12	2	1	12,50
21	3	3	12	2	1	11,90
22	3	3	13	2	1	11,36
23	3	3	14	2	1	10,86
24	3	4	14	2	1	10,41
25	3	4	15	2	1	10,00
26	3	4	15	3	1	9,61
27	4	4	15	3	1	9,25
28	4	4	16	3	1	8,92
29	4	4	17	3	1	8,62
30	4	4	17	3	2	8,33

Tabela 2: Distribuição do BOLO segundo a repartição da riqueza pela população do distrito

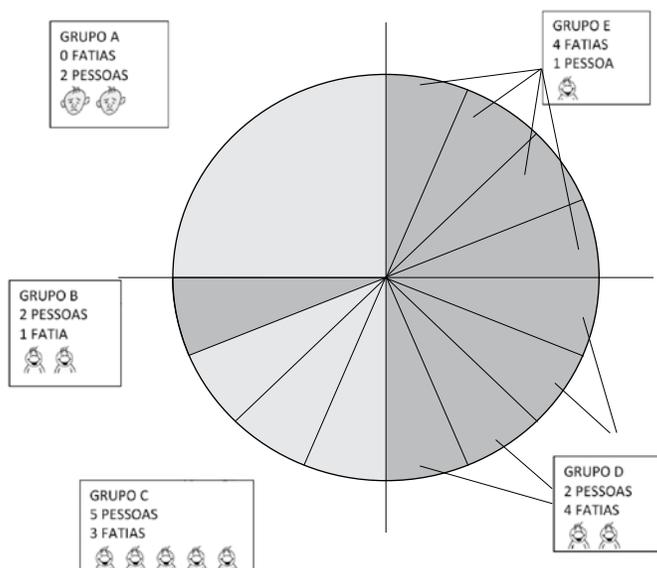
O PIB distrital é de 1957 milhões de euros (para facilitar arredondamos para 2.000 milhões/ano). Cálculos: 2.000 milhões/12, 13, 14,...

Nº participantes	A (PESP)	B REND. BAIXO	C REND. MÉDIO BAIXO	D REND. MÉDIO	E REND. MÉDIO/ ALTO	Cada fatia representa (milhões/ano)
12	0	1	3	4	4	166,6
13	0	1	4	4	4	153,8
14	0	1	4	5	4	142,8
15	0	1	4	5	5	133,3
16	0	1	5	5	5	125
17	0	1	5	6	5	117,6
18	0	1	5	6	6	111,1
19	0	1	6	6	6	105,2
20	0	1	6	7	6	100
21	0	1	6	7	7	95,2
22	0	1	6	8	7	90,9
23	1	1	6	8	7	86,9
24	1	1	7	8	7	83,3
25	1	1	7	9	7	80
26	1	2	7	9	7	76,9
27	1	2	7	9	8	74,0
28	1	2	8	9	8	71,4
29	1	2	8	10	8	68,9
30	1	2	8	10	9	66,6

Tabela 3: Distribuição do TEMPO de DISCURSO segundo o rendimento (em segundos)

400 segundos no total

Nº participantes	A (PESP)	B REND. BAIXO	C REND. MÉDIO BAIXO	D REND. MÉDIO	E REND. MÉDIO/ ALTO
12	0	10	30	180	180
13	0	10	30	180	180
14	0	10	30	180	180
15	0	10	30	180	180
16	0	10	30	180	180
17	0	10	30	180	180
18	0	10	30	180	180
19	0	10	30	180	180
20	0	10	30	180	180
21	0	10	30	180	180
22	0	10	30	180	180
23	0	10	30	180	180
24	0	10	30	180	180
25	0	10	30	180	180
26	0	10	30	180	180
27	0	10	30	180	180
28	0	10	30	180	180
29	0	10	30	180	180
30	0	10	30	180	180

Figura 1: Divisão do Bolo em fatias do bolo em fatias iguais por grupos de rendimento

Notas ao professor(a)

Para aprofundar as temáticas das Desigualdades e conseqüente desenvolvimento, aconselha-se que recorra ao “Relatório das Nações Unidas de 2007 – Pobreza Mundial” dados retirados do Banco Mundial (“Voices of the Poor Report, 2005”), “CIA World Factbook 2006”, “Global Poverty Mapping Project”, “Innovative Solutions to Global Poverty”. Quanto ao tema Desenvolvimento, pode sugerir aos participantes a leitura do artigo “Chamar Desenvolvimento a um Suicídio Colectivo”, de Manfred Max-Neef.

Sugestão

Nota: Apesar de sobrar bolo, as duas pessoas do grupo A não recebem nenhuma fatia. São as pessoas em situação de extrema pobreza/exclusão social.

Neste exercício destinado aos jovens optámos, por razões pedagógicas, por prever a sobra de bolo de forma a permitir a discussão e a reflexão sobre o que fazer com a riqueza (o bolo) que sobejou após o consumo por parte da maioria das pessoas. Em última análise pretendemos que se equacione a sua distribuição pelos que não tiveram possibilidades de comer.

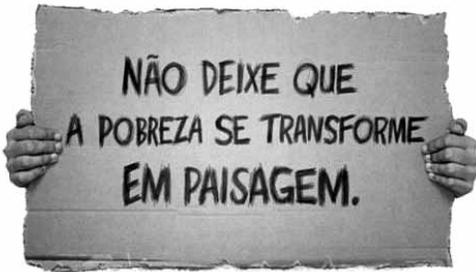
O bolo que sobrou pertence ao Estado e pode ser considerado o produto das contribuições/impostos. O desafio aos jovens passa também nesta última fase por

tentar saber que destino a dar ao que sobra, nomeadamente em termos de cooperação com os países em vias de desenvolvimento ou distribuição às pessoas em situação de pobreza.

No final pode ser pedido à turma que elabore um documento sobre a melhor forma de distribuir “as sobras”.

Actividade 10

Visitas institucionais



Faixa etária:

A partir dos 15 anos

Objectivo

Proporcionar aos alunos o contacto com a realidade da pobreza e exclusão social, salientando a importância de fazer voluntariado, de ajudar aqueles que mais precisam.

Recursos necessários

- Base de dados com entidades que estão receptivas a ser visitadas;
- Calendarização das visitas;
- Aspectos logísticos: transporte dos alunos e divisão dos alunos por grupos.

Actividade

- Organizar visitas a instituições de solidariedade social que fazem apoio directo a pessoas em situação de pobreza para que possam avaliar a sua condição (ex: AMI, Centros Sociais, Centros de Dia, etc.);
- Debater com os alunos em plenário aquilo que experimentaram, o que sentiram. Se foi uma experiência agradável ou pelo contrário deprimente. Se gostariam de fazer voluntariado neste tipo de instituições.

Actividade 11

Visualização de filmes e vídeos



Faixa etária

A partir dos 13 anos

Objectivo

Promover a reflexão e o debate em torno de temas relacionados com a pobreza, exclusão social.

Recursos Necessários

Televisão, Vídeos e Computador.

Actividade

Debate /reflexão/ intercâmbio de perspectivas.

Sugestão

1. “Partly cloudy”

<http://videos.sapo.pt/v5urAwzZwmpy4QRvV5rf>

Esta curta-metragem de animação está a ser passada juntamente com o filme “UP – Altamente” e pode ser uma boa lição sobre a aceitação da diferença dos outros, a tolerância, o valor da amizade,...

2. “Arena”

Curta-metragem de João Salaviza, distinguido com a Palma de Ouro para Melhor Curta-Metragem do 62.º Festival de Cannes. João Salaviza explicou que “Arena” é um filme sobre violência urbana e juvenil, sobre bairros problemáticos que são verdadeiras “bombas-relógio”.

3. “A Turma”

De Laurent Cantet, também vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes. Retrata o cotidiano de um professor e da sua turma numa escola de um bairro problemático de Paris, espelhando a multietnicidade da população francesa e do convívio de culturas dos grandes centros urbanos de todo o mundo.

Actividade 12

Jogo da Amizade



Faixa etária

A partir dos 7 anos

Objectivos

- Valorizar a importância da amizade e da solidariedade entre pares;
- Orientar as suas atitudes pelo respeito por si e pelos outros;
- Educar para a cidadania;
- Preservar o ambiente.

Recursos Necessários

- Jogo que pode ser construído em papel de cenário (tipo Jogo da Glória);
- Cartolinas A4 com imagens e regras do jogo que são coladas no papel de cenário e um dado (que pode ser feito em esponja).

Actividade

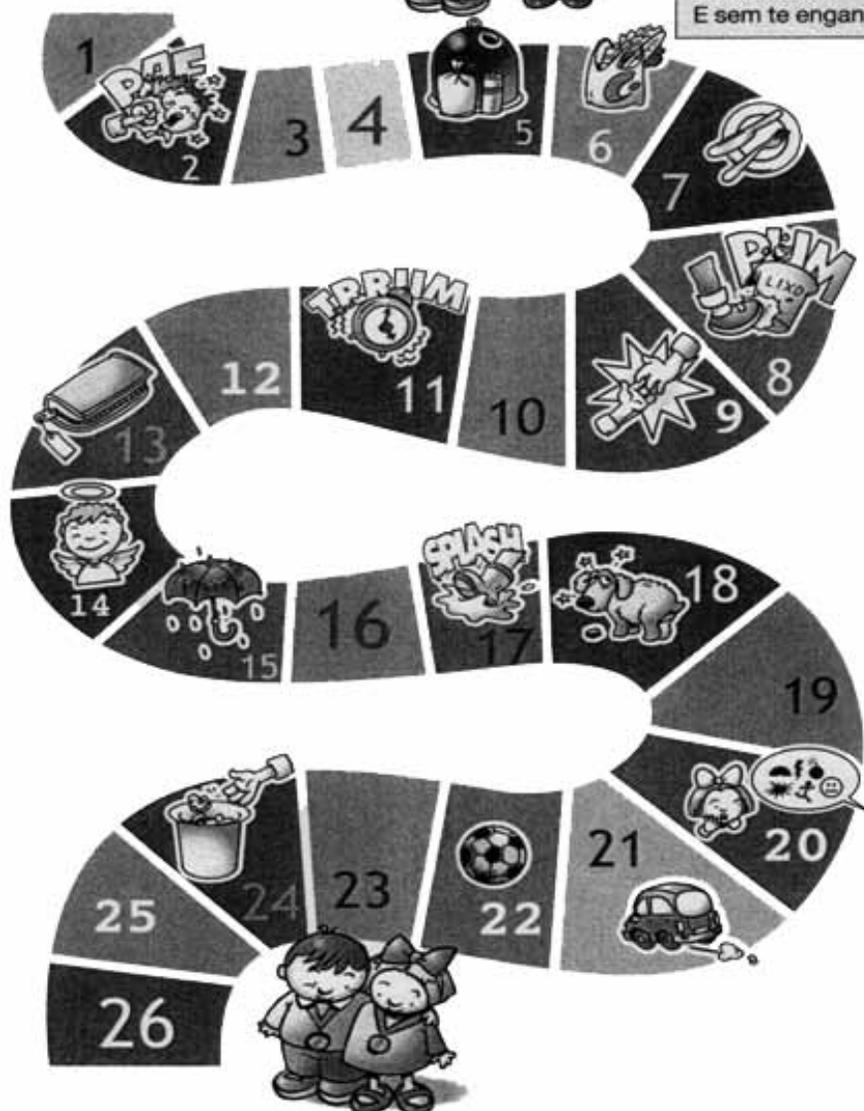
Formam-se grupos de 6 a 10 alunos que vão lançando o dado, tornando-se eles próprios os peões do jogo e que quando acertam numa casa com regras têm de ler para os restantes colegas. Avançam ou recuam conforme as regras do jogo. Ganha quem chegar à última casa em 1.º lugar.

Jogo

Varre, varre, vassourinha,
varre bem esta casinha.



De cada vez que
lançares o dado
tens que dizer isto
em voz alta!
E sem te enganares!



Regras do Jogo

casa 2	Bateste num colega.
-10 pontos	Fugiste. Não queres pedir desculpa. Estás com cara de mau.

casa 5	Ensinaste a todos lá em casa como separar o lixo.
+5 pontos	

casa 6	Quando foste fazer compras, preferiste trazê-las em sacos já usados.
+5 pontos	

casa 7	Na fila do refeitório não ultrapassaste ninguém.
+5 pontos	

casa 8	No recreio da escola ficaste zangado. Deste um pontapé no caixote do lixo e foste embora. Voltas atrás 5 casas.
-5 pontos	

casa 9	Ias na rua. Uma pessoa tropeçou e caiu mesmo à tua frente. Ajudaste a levantá-la. Perguntaste se precisava de ajuda.
+10 pontos	

casa 11	Vais atrasado para a escola. Pedes à tua mãe que conduza mais depressa. Perdes uma vez de jogar.
-10 pontos	

casa 13	Alguém perdeu um estojo. Está identificado. Encontraste-o. Fizeste bem: entregaste o estojo à tua professora.
+5 pontos	

casa 14	Em todo o dia não te zangaste com ninguém. Sorriste e cumprimentaste amigos, colegas e adultos. Falaste na tua vez e arrumaste as tuas coisas. Não percebeste o trabalho de casa e pediste ajuda. No caminho de volta ajudaste a trazer a mochila dum miúdo do 1.º ano. Já lanchaste e antes de ver televisão vais fazer os trabalhos de casa. Parabéns. Saltas para a penúltima casa.
+20 pontos	

casa 15	Ai, ai! Isso faz-se? Acordaste mal disposto e já refileste a propósito do pequeno-almoço e da roupa que hoje vais vestir. Com tanta chuva é queres levar sapatilhas de pano?!
-10 pontos	

casa 17	Apetece-te chapinhar. A chuva faz lindas peças de água. E pronto: já estás todo molhadinho! Pareces um pinto.
-5 pontos	

casa 18	Viste outro miúdo atirar pedras a um cão. Chamaste-o e conversaste com ele. Percebeste que ele não gosta de cães. Explicaste-lhe que o cão não tem nada com isso e pedês-lhe que não o volte a fazer. Ele percebeu a ideia!
+5 pontos	

casa 20	Julgas-te o maior. As raparigas são umas tolas. Passaste por três miúdas no corredor e gritaste-lhes um disparate.
-5 pontos	

casa 21	Estás na estrada com o teu pai. O teu pai gosta de acelerar. Falas com ele e dizes-lhe que o amas e por isso queres que faça uma condução mais segura.
+10 pontos	

casa 22	Não percebes nada de futebol. Gostas é de carros! O teu melhor amigo tem que treinar pois tem um jogo no fim-de-semana. Pede-te ajuda. Aceitas jogar com ele, explicando que não é o teu jogo favorito. Afinal até foi divertido!
+10 pontos	

casa 24	Sujaste a sala com papéis. Apanhaste-os todos assim que pudeste.
+5 pontos	

Actividade 13

O que pensamos do Assunto



Faixa etária

Adaptável a qualquer idade a partir dos 9 anos.

Objectivos

- Dar aos participantes desde o início do trabalho, a ideia de que os seus conhecimentos e pontos de vista são tomados em conta.
- Promover a escuta e a síntese dos pontos de vista dos colegas.
- Dar ao monitor/ professor uma ideia dos conhecimentos e pontos de vista do grupo sobre o assunto que vai tratar.

Recursos Necessários

Nenhum.

Actividade

1. Organizam-se os participantes em pares;
2. Pede-se aos participantes para realizarem uma entrevista ao seu par, sobre o tema da pobreza e da exclusão social (com temáticas que podem ser específicas);
3. Dá-se instruções para que cada pessoa ouça a outra durante 5 minutos;
4. Dá-se a palavra a todos os participantes, devendo cada um apresentar o ponto de vista do seu parceiro;
5. Debate-se as várias ideias recolhidas.

5. Glossário

Estereótipo – percepções socialmente partilhadas por pessoas pertencentes a grupos diferentes, e que adquirem um carácter demasiado rígido e um alto nível de generalização.

Exclusão Social – processo de perda de integração ou participação na sociedade, aqui vista como o conjunto de sistemas sociais a que o indivíduo pertence, em um ou vários domínios: económico, político-legal e social.

Limiar de pobreza – corresponde a 60% da mediana da distribuição dos rendimentos monetários líquidos equivalentes a nível de cada país.

PESP – Pessoas em Situação de Pobreza.

Pobreza – situação de privação resultante da insuficiência de recursos económicos, relacionando-a com as noções de subsistência e de necessidades básicas.

Pobreza Absoluta – situação em que certos standards mínimos de vida (tais como a nutrição, educação, saúde ou habitação) não são alcançados.

Pobreza relativa – utiliza-se para falar da existência de desigualdades e calcula-se por comparação com o nível de vida considerado standard para a população a que se refere. Significa que o indivíduo, por falta de recursos materiais, não participa dos hábitos e padrões de vida considerados normais na sociedade em que vive.

Representação social – teorias implícitas acerca de objectos sociais relevantes e como tal constituem uma modalidade de conhecimento que serve a apreensão, qualificação e explicação da realidade.

Risco de pobreza – calcula-se quando o nível de rendimento por adulto equivalente for inferior a 60 por cento do rendimento por adulto equivalente mediano.



6. Referências

- COHEN, Sue, *et al.*, “Family diversity: a guide for teachers”, Nicosia, Cyprus, 2007.
- DESTAQUE – Rendimento e Condições de Vida – 2006, INE, Janeiro de 2008.
- DESTAQUE – Rendimento e Condições de Vida – 2008, INE, Julho de 2009.
- JODELET, D. (Ed.), “Les Représentations Sociales: un Domaine en Expansion”, *Les Représentations Sociales*, Paris, PUF, 1989.
- MOSCOVICI, S., “Social Representations”, *Social Cognition*, J. Forgas (Ed.), London, Academic Press, 1981.
- VALA, J., & Monteiro, M. (Eds.), “Representações Sociais - Para Uma Psicologia Social do Pensamento Social”, *Psicologia Social.*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- VALA, J., “Sobre as Representações Sociais – Para uma Epistemologia do Senso Comum”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 4, 1986: 5-30.

7. Sites úteis

Nacionais

Rede Europeia Anti-Pobreza/ Portugal

www.reapn.org

Fórum Não Governamental para a Inclusão Social

www.fngis.org

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social

<http://www.mtss.gov.pt/>

Instituto da Segurança Social, IP

www.seg-social.pt

Conselho Económico e Social

<http://www.ces.pt/>

Instituto Nacional de Estatística

<http://www.ine.pt>

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

<http://www.acidi.gov.pt/>

Observatório das Desigualdades

<http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/>

Amnistia Internacional Portugal

<http://www.amnistia-internacional.pt>

Internacionais

Ano Europeu de Luta Contra a Pobreza e Exclusão Social - 2010

<http://ec.europa.eu/social/main.jsp?langId=en&catId=637>

Centro Informática de Aprendizagem e Recursos para a Inclusão Social

<http://www.ciaris.org>

Agência para os Direitos Fundamentais da União Europeia

http://fra.europa.eu/fraWebsite/home/home_en.htm

Organização das Nações Unidas

<http://www.un.org/pt>

European Anti Poverty Network

www.eapn.eu

Direcção Geral Emprego e Assuntos Sociais – Protecção Social e Inclusão Social

http://ec.europa.eu/employment_social/spsi/index_en.htm

8. Anexos

ANEXO 1 – Representações Sociais

Este é um breve questionário (anónimo) sobre representações sociais. Gostaríamos de saber a sua opinião relativamente às afirmações que se seguem:

Para responder, assinale a sua resposta com um X e utilize a seguinte escala:

1 = discordo totalmente

2 = discordo

3 = não concordo nem discordo

4 = concordo

5 = concordo totalmente

	1	2	3	4	5
Os idosos não são afectados por situações de pobreza e exclusão					
Os pobres vivem geralmente em bairros sociais degradados					
Quem nasce pobre, viverá sempre pobre					
A presença de imigrantes é benéfica para o país					
Os muçulmanos são geralmente mais perigosos que os indivíduos de outras religiões					
Os pobres não querem trabalhar					
Existe igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no acesso ao mercado de trabalho					
Quem vive em bairros sociais tem comportamentos marginais					
A pobreza está na origem do aumento do n.º de crimes em Portugal					
Um ex-recluso deve ter os mesmos direitos que os restantes cidadãos					
As pessoas de etnia cigana são perigosas					
Quem recebe subsídios não precisa de trabalhar					
As pessoas com deficiência ou doenças crónicas são úteis ao mercado de trabalho					
Quem tem um emprego não é afectado por situações de pobreza e exclusão social					
Os índices de criminalidade são mais elevados entre os indivíduos de raça negra					
Acabar com a pobreza é da inteira responsabilidade de quem exerce cargos públicos					

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO 2 – Grelha de Análise de notícias televisivas

	Notícia 1	Notícia 2	Notícia 3
Protagonistas			
Mensagem			
Destinatários			
Estereótipos veiculados			

ANEXO 3 – Recrutamento Profissional

Vocês são os responsáveis por uma empresa de recrutamento. Todos os candidatos possuem o mesmo nível de habilitações (9º ano) e estão na fase final de recrutamento de dois profissionais. Estes são os 5 candidatos ao lugar:

- A. Maria, 50 anos, desempregada, 15 anos de experiência no sector, desempregada há 3 anos e doente crónica.
- B. João, 38 anos, desempregado, sem experiência no sector.
- C. Abdul, 30 anos, imigrante residente em Portugal há 5 anos, 10 anos de experiência no sector.
- D. Neuza, 24 anos, descendência africana, vários cursos de formação e alguma experiência profissional no sector.
- E. José, 40 anos, etnia cigana, beneficiário do Rendimento Social de Inserção, 15 anos de experiência no sector.



